



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ANA TEREZA PANTOJA DE SOUSA

**REINAÇÕES DE NARIZINHO: AS PERSONAGENS NARIZINHO E EMÍLIA NO
DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO INFANTO JUVENIL**

GUARABIRA – PB

2022

ANA TEREZA PANTOJA DE SOUSA

**REINAÇÕES DE NARIZINHO: AS PERSONAGENS NARIZINHO E EMÍLIA NO
DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO INFANTO JUVENIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Letras como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras – Português pela Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof. Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva

GUARABIRA – PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725r Sousa, Ana Tereza Pantoja de.
Reinações de Narizinho : [manuscrito] : as personagens Narizinho e Emília no desenvolvimento do imaginário infanto juvenil / Ana Tereza Pantoja de Sousa. - 2022.
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva , Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Narizinho. 2. Emília. 3. Imaginário. 4. Jovem leitor. I.

Título

21. ed. CDD 372.21

ANA TEREZA PANTOJA DE SOUSA

**REINAÇÕES DE NARIZINHO: AS PERSONAGENS NARIZINHO E EMÍLIA NO
DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO INFANTO JUVENIL**

Aprovado em: 14/ 02/ 2022.

BANCA EXAMINADORA

Rosângela Neres A. Silva

Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva
Orientadora - UEPB

Clara B. de Almeida Vasconcelos

Prof.^a M.^a Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Examinadora (UEPB)

Danielle dos Santos Mendes Coppi

Prof.^a M.^a Danielle dos Santos Mendes Coppi
Examinadora (UFPE)

*No dia em que o nosso planeta ficar inteirinho como é o sítio,
não só teremos paz eterna como a mais perfeita felicidade.*

Monteiro Lobato

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força e sabedoria para enfrentar todos os obstáculos surgidos no decorrer do curso e pelo privilégio de ter uma família unida.

Meus filhos Moacir Neto e Vinícius Pantoja que foram meu suporte técnico nesse momento pandêmico e meu esposo e companheiro Vital Francisco que sempre me incentivou e não deixou que desistisse. Minha mãe que apesar de não estar presente entre nós, mas sempre foi meu esteio.

Agradeço também a minha orientadora professora doutora Rosangela Neres pelo auxílio e compreensão na construção desta monografia e a todos que contribuíram direta ou indiretamente para o meu êxito.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar se há influência das personagens Narizinho e Emília no desenvolvimento do imaginário infanto juvenil. Observamos que a escrita de Monteiro Lobato ao emergir após a década de 1920 desponta como uma literatura inovadora e genuinamente voltada para o público infanto juvenil brasileiro, que até então só tinha contato com literatura estrangeira. A personagem Narizinho é uma das mais marcantes da obra de Lobato, pois a menina vive aventuras em um sítio com sua boneca falante Emília. É salutar que a literatura chegue à infância de maneira lúdica para que a criança possa desenvolver sua imaginação e fantasia, que permitem que ela desenvolva o imaginário típica da idade. O estudo foi fomentado na literatura existente, sendo uma pesquisa bibliográfica pela qual buscamos embasar nossas considerações e indagamos: O que torna Narizinho e Emília diferentes de outros personagens? Qual a contribuição delas para o desenvolvimento do imaginário infantil? São muitas as narrativas infantis que se propõem ao entretenimento nessa faixa etária, mas viver aventuras em um sítio maravilhoso como o de Dona Benta tornou-se uma das narrativas preferidas desse público. Esse estudo foi embasado nas leituras de livros teóricos como: *A Literatura Infantil na Escola* de Regina Zilberman (2014); *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação* da mesma autora e de Ligia Cademartori Magalhães (2006); *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias* de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1988), entre outros. Ao final desse trabalho, confirmamos que há influência positiva das personagens lobatianas, pois são personagens que transcendem a obra de Monteiro Lobato.

PALAVRAS CHAVE: Literatura Infantil. Narizinho. Emília. Imaginário. Jovem leitor.

ABSTRACT

This work aims to analyze whether there is an influence of the characters Narzinho and Emília in the development of children's imagination. We observe that Monteiro Lobato's writing, when emerging after the 1920s, emerges as an innovative literature and genuinely aimed at the Brazilian children's public, which until then had only contact with foreign literature. The character Narzinho is one of the most striking in Lobato's work, as the girl has adventures on a farm with her talking doll, Emília. It is healthy that literature reaches childhood in a playful way so that the child can develop their imagination and fantasy, which allow them to develop the imagination typical of their age. The study was fostered in the existing literature, being a bibliographic research by which we seek to base our considerations and ask: What makes Narzinho and Emília different from other characters? What is their contribution to the development of children's imagination? There are many children's narratives that are intended for entertainment in this age group, but living adventures in a wonderful place like Dona Benta's has become one of the favorite narratives of this audience. This study was based on readings of theoretical books such as: *Children's Literature at Regina Zilberman's School* (2014); *Children's Literature: Authoritarianism and Emancipation* by the same author and Ligia Cademartori Magalhães (2006); *Brazilian Children's Literature: History and Stories* of Marisa Lajolo and Regina Zilberman (1988), among others. At the end of this work, we confirm that there is a positive influence of Lobato's characters, as they are characters that transcend Monteiro Lobato's work.

KEYWORDS: Children's Literature. Little nose. Emily. Imaginary. Young reader.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: ORIGEM E CONTEMPORANEIDADE	12
3 REINAÇÕES DE NARIZINHO E O DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO	18
3.1 A Escrita de Monteiro Lobato.....	20
3.2 Narizinho e Emília como representações do Jovem Leitor.....	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a compreender o mundo à nossa volta, desde a leitura do mundo à leitura das letras. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a realidade ficcional com a que vivemos, no contato com um livro, enfim, de certa forma, lendo embora, muitas vezes, não nos demos conta.

Nesse sentido, é salutar que a literatura chegue à infância de maneira lúdica, recreativa e que explore o imaginário infantil, pois a imaginação e a fantasia são objetos culturais importantes na vida da criança, capazes de estimular a sensibilidade e afetividade. São muitas as narrativas infantis que permeiam esse imaginário, em especial os contos de fadas, que narram de maneira maravilhosa o sonho, a fantasia e a realidade desse encantado universo infantil. Um dos autores que mais sobressai no público infanto-juvenil é Monteiro Lobato, devido a sua gama de personagens e narrativas interessantes ambientadas em um sítio.

O objetivo geral desse estudo é verificar como as personagens de Lobato, em especial as que estão no livro *Reinações de Narizinho* contribuem para a construção do imaginário infantojuvenil. A literatura do autor emerge em um momento no qual o público infantil e juvenil consome literatura estrangeira e tem necessidade de algo direcionado para o nacional; assim, surge como necessidade de escrever para as crianças em uma linguagem que as interessam, desenvolvendo uma nova expressão literária, buscando romper com os padrões europeus.

Esse estudo foi embasado nas leituras de livros teóricos como: *A Literatura Infantil na Escola* de Regina Zilberman (2014); *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação* da mesma autora e de Ligia Cademartori Magalhães (2006); *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias* de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1988), entre outros.

Este estudo está dividido em três capítulos: a introdução, onde fazemos considerações iniciais e situamos o estudo; o capítulo 2 traz uma breve trajetória sobre a literatura infantil e juvenil até à contemporaneidade, situando as obras de Monteiro Lobato e sua importância na literatura nacional; no capítulo 3 trazemos à tona personagens Narizinho e Emília como forma de autoidentificação do público

com as personagens e como o imaginário infantil é importante para o desenvolvimento da criança; ainda no capítulo 3 discute-se a formação do leitor infanto-juvenil nas escolas e a contribuição de Lobato no meio escolar, seguido das considerações finais.

2 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: ORIGEM E CONTEMPORANEIDADE

Temos uma conceituação das origens das histórias direcionadas para crianças e jovens datadas de períodos muito remotos, de acordo com Stella (1970), esse tipo de história vem da Índia, mas, já se pode entrever através de parábolas e poesias nos mais diversos registros históricos dos povos da Antiguidade. Entretanto, é na Índia, segundo ele, que iremos encontrar os registros mais antigos. E embora haja uma enorme discussão antropológica literária acerca da origem ter sido entre a Índia e a Grécia, o autor coloca que:

Fato importante ainda a salientar, é que as fábulas tiveram um crescimento exuberante demais na literatura original indiana. (...) Isso favorece o primado da Índia, na criação da fábula, pois enquanto para a Grécia o estado anterior ao apólogo que a lenda ou mito do animal é lacunoso, separado, fragmentário, separado inteiramente do fundo realista que lhe deu origem, a Índia, ao contrário, o desenvolve numa portentosa riqueza de formas, deixando evidentemente transparecer a intuição primitiva que se desenvolveu (STELLA, 1970, p. 180).

E dessa leitura da realidade encontramos os animais tendo atribuições humanas: falas, pensamentos, ações e paixões; e assim vão construindo no imaginário das pessoas a ideia anímica – onde se atribui alma e agir intencional em todas as formas da natureza – de vegetais e animais, de maneira fantástica, para explicar o mundo ao redor para as crianças e jovens.

Reconhecemos a importância da literatura infanto juvenil para o desenvolvimento não apenas da linguagem, ou transmissão de conhecimentos, mas, para o desenvolvimento do imaginário. O desenvolvimento dessa habilidade – da imaginação – permite que possamos transmitir, de maneira adequada, e compreensível a cada fase de entendimento infantil conceitos e ideias que habitam o inconsciente coletivo de uma sociedade. Isso porque:

Uma das funções da literatura infantil e juvenil é a de abrir a porta do imaginário humano configurado pela literatura. O termo “imaginário” foi utilizado pelos estudos antropológicos - literários para descrever o imenso repertório de imagens, símbolos e mitos que nós humanos utilizamos como fórmulas típicas de entender o mundo e as relações com as demais pessoas. Frequentemente os encontramos presentes no folclore e na literatura de todos os tempos (COLOMER, 2017, p. 20).

E assim, encontramos nos primeiros livros, as histórias que inicialmente foram coletadas através da tradição oral, e depois dirigidas especialmente para um público que precisava ser direcionado de acordo com as ideias dominantes do período. Então, de acordo com Zilberman (2014) encontramos fatores como ambiência rural das histórias através da referência aos animais; a ameaça de fatores ambientais e de vulnerabilidade como fome e morte, além de violência e magia.

Esses fatores demonstram que aquilo que não poderia ser explicado através de uma racionalização deveria ser demonstrado através da literatura e usado como ponto de direcionamento para os jovens e crianças como sobrenatural. Assim, o fantástico, o imaginário, o lúdico, deveriam e seriam utilizados para que se pudesse transmitir mensagens com significados claros e direcionados de acordo com o que está sendo sentido pelo autor.

Como marco nessa seara, há vários autores famosos tais como: o francês Charles Perrault (autor de Cinderela, Chapeuzinho Vermelho); os alemães irmãos Grimm (com antologia de vários contos como João e Maria, Rapunzel); o dinamarquês Christian Andersen (autor de O patinho feio, Os trajes do imperador); o italiano Collodi (autor de Pinóquio); o inglês Lewis Carrol (autor de Alice no país das Maravilhas); o americano Frank Baum (O mágico de Oz); o escocês James Barrie (Peter Pan), podem ser considerados como clássicos que atravessaram o tempo e os espaços geográficos da literatura infantojuvenil (CADEMARTORI, 2006). Entretanto, como um dos maiores precursores desse tipo de literatura temos Charles Perrault, como é asseverado por Cademartori quando diz:

Questões relativas à obra de Charles Perrault, frequentemente apontado como o iniciador da literatura infantil, vinculam-se a pontos básicos da questão da literatura infantil, como por exemplo, a preocupação com o didático e a relação com o popular (CADEMARTORI, 2006, p. 34).

Isso vem de encontro favorável às ideias que colocamos inicialmente: que a literatura infanto juvenil não é despretensiosa e sem objetivos. Ela está totalmente – assim como qualquer outro tipo de literatura – relacionada a uma realidade histórica que a norteia e nela transparece, para nortear, através de seus enunciados os pensamentos vigentes à época. E mais, podemos asseverar que esse imaginário não apenas norteia mas, também evolui, afinal, cada necessidade, em cada momento histórico vai sendo adaptada e demonstrada para as crianças e jovens de

forma lúdica, para que eles possam compreender e reelaborar essas ideias, incorporando-as – em forma de “lição” – ao seu modo de agir.

Continuando a observação da literatura, constatamos que a partir de Perrault, elementos citados anteriormente – ambiência rural; ameaças como fome e morte, etc. – tem componentes presentes que vão destacar-se no desenvolvimento dessa literatura ocidental – a saber, a violência e a presença da magia. A violência não é incomum como envenenamento (Branca de Neve); devoração de seres humanos e dilaceramento de órgão (Chapeuzinho Vermelho); queimaduras (João e Maria); a magia é quase uma constante, onde podemos citar como exemplos a transformação de Cinderela; maldições com a Bela e a Fera; etc.

Ambos os componentes, decisivos para a constituição do conto de fadas, já foram objeto de contestação: a violência, por se evidenciar inadequada aos leitores supostamente ainda pouco habituados às rudezas da existência humana; a magia: por parecer uma alternativa compensatória à fragilidade e inferioridade dos heróis. Incapazes de enfrentar os perigos e desavenças, eles dispõem da alternativa de apelar para a ajuda de auxiliares dotados de habilidades mágicas, safando-se, assim, das piores encrencas (ZILBERMAN, 2014, p. 91).

Isso demonstra que a evolução social vai avaliando e questionando conceitos e arquétipos, para que possamos atender os anseios de uma sociedade que não mais aceita a violência ou a magia como escapatória para situações mais difíceis. Dessa maneira, a apresentação dessas histórias perante o público não é mais apenas colocar personagens diante das crianças, posto que, provavelmente, quando elas observarem a leitura e o mundo ao seu redor, irão ao professor, ou aos seus pais, ou companheiros de leitura para trocar impressões desses paradoxos.

A literatura infantil da forma como se delineou numa prevalente sociedade rural, serviu para afastar as crianças das florestas – que eram encantadas – e que ofereciam inúmeros perigos como lobos, bruxas, e seres encantados, o que até certo ponto era compreensível, haja vista que seus pais, tinham que ficar a maior parte do dia na labuta e os filhos maiores cuidando dos menores. As tradicionais histórias orais serviam não apenas para entreter, mas para manter longe do perigo essas crianças.

Com o passar do tempo essas necessidades foram se modificando, e as ideias não eram apenas unicamente afastar os jovens de estranhos, fazê-los ficar longe de florestas ou obedecerem às autoridades, mas, eles precisavam de nortes

morais, que pudessem ensinar-lhes a obediência e a docilidade. Assim, de uma maneira ou de outra, elas lhe trazem através dos recursos imaginativos questões do seu próprio cotidiano, que ajudam a ressignificar suas experiências, ao mesmo tempo em que ajudam a lhes dar uma nova visão do mundo que as cerca.

Intuitivamente, a criança compreenderá que tais histórias, embora irreais ou inventadas, não são falsas, pois ocorrem de maneira semelhante no plano de suas próprias experiências pessoais. Sua análise ressalta ainda que a finalidade dessas histórias é confirmar a necessidade de se suportar dor ou de correr riscos para se conquistar a sua própria identidade. O final feliz acena com a esperança no fim das provações ou ansiedades (COELHO, 2000, p. 57).

No Brasil, também tivemos nosso imaginário infanto juvenil compilado e transformado em literatura. Exemplo disso são as obras do autor Figueiredo Pimentel – Histórias da Carochinha e Histórias da avozinha – que são um marco para as compilações de nossas narrativas direcionadas para esse público ainda no século XIX, com destaque também para Sílvio Romero com sua obra Contos Populares do Brasil (ZILBERMAN, 2014). Ainda nesse período, podemos citar Monteiro Lobato, que foi um dos autores que mais marcaram nossa literatura infanto juvenil e que iremos olhar de maneira mais aprofundada mais adiante.

Entretanto, de antemão podemos afirmar que esse autor tem uma capacidade de encantamento que pode satisfazer os mais exigentes públicos infantis no que se refere à imaginação e ao trato com o lúdico, porém, não deixa nada a desejar também àqueles que buscavam na literatura um meio de exaltar a cultura brasileira. Não deixando, porém, de utilizar-se desse mesmo meio para criticar os personagens que estão exprimindo através de suas crenças e misticismo uma ingenuidade, que para Lobato expressa o atraso cultural.

Curiosamente, porém, Lobato não é grande admirador de nosso folclore, posição que transfere aos habitantes do sítio do Pica-Pau Amarelo. Liderados por Emília, eles declaram insatisfação perante a ingenuidade da expressão popular, que considera atrasada e carente de imaginação (ZILBERMAN, 2014, p. 93).

No arcabouço de suas obras, podemos observar que ele vem desenvolvendo a narrativa de suas obras com temáticas inicialmente não voltadas para o público

infantil – Urupês; Cidades Mortas; Negrinha – mas, para uma contextualização das necessidades de progresso cultural do povo brasileiro (BOSI, 2015). Mais adiante, brilhantemente, temos em Emília um de seus personagens mais emblemáticos; uma voz que vai demonstrar as principais críticas às ideias e comportamentos ultrapassados. Obviamente que, assim como todo autor, o mesmo teve seus próprios raciocínios que expressavam preconceito ou mesmo pensamentos que hoje não poderiam ser considerados como “politicamente corretos”; mas, este não é, como colocado no início da presente obra, o foco da pesquisa. O objetivo maior é analisar o impacto de personagens como Narizinho e Emília para o desenvolvimento da imaginação infantil, dentro de uma obra específica: *Reinações de Narizinho*.

É importante salientar que no Brasil – e acreditamos que em qualquer outra parte do mundo – a literatura não está dissociada da realidade histórico-social que a cerca, e aqui:

Nem todas as obras de literatura infantil que se valiam do folclore, ou de histórias originárias da tradição popular, caminhavam na direção desejada pelo poder dominante. Porém, elas reproduziam uma visão conservadora da cultura popular, mesmo quando os autores tinham participado direta ou indiretamente do movimento modernista, como se verifica em coletâneas como as de José Lins do Rêgo (1901-1957): *Histórias da velha Totônia* (1936), ou de Luís Jardim (1901-1987), *O boi aruá* (1940) (ZILBERMAN, 2014, p. 93-94).

Ainda nos referindo a nossa literatura temos a concepção de que é um gênero estereotipado e fechado para crianças se distraírem e/ou serem embaladas, levadas pelos adultos para aprenderem determinada “lição” ou seguirem um objetivo. Isso se deve ao fato, de que mesmo entre educadores, algumas ideias sobre literatura infanto juvenil não têm a mesma importância comparativa com os grandes “clássicos” da literatura seja ela mundial ou brasileira. Isso advém de uma ideia equivocada de que a literatura popular direcionada para o público infantil e jovem perpassa pela seguinte noção:

Vulgarmente, a expressão “literatura infantil” sugere de imediato a ideia de belos livros coloridos destinados à diversão e ao prazer das crianças em lê-los, folheá-los ou ouvir suas histórias contadas por alguém. Devido a essa função básica, até bem pouco tempo, a literatura infantil foi minimizada como *criação literária* e tratada pela cultura oficial como um gênero menor (COELHO, 2000, p. 29).

Porém, podemos afirmar que essa é uma premissa completamente falsa, haja vista que temos em nossa literatura infanto juvenil representante das nações indígenas como Daniel Munduruku (1964) com sua obra Contos indígenas brasileiros (2004), trazendo os mais diversos contos das nações indígenas do nosso país.

Inesquecíveis Malba Tahan (1895-1974), pseudônimo de Júlio César de Mello e Souza com O homem que calculava (1938), com Maktub e Lendas do céu e da terra, publicados pela primeira vez em 1935. Além de releituras de clássicos como Chapeuzinho Amarelo (1979) de Chico Buarque de Holanda; Uma ideia toda azul (1979) de Marina Colassanti e tantos outros autores que revolucionaram a escrita para crianças e jovens no Brasil.

Não podemos esquecer que essa literatura é completamente intencional, ela transmitiu conhecimento e valores através dos tempos e sua importância deve ser ressaltada e estudada para que possa se prestar a um papel realmente significativo. Não pode ser relegado a um papel secundário, mas, um meio onde o popular e o infantil se misturam e se auxiliam na busca de ideias e valores que contribuam para uma sociedade melhor, através de experiências divertidas e sensoriais.

3 REINAÇÕES DE NARIZINHO E O DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO

As páginas que se seguem vão buscar descrever uma linha temporal e analítica acerca da escrita de Monteiro Lobato na obra *Reinações de Narizinho*. É importante salientar que para tanto buscamos desenvolver uma linha de raciocínio acerca dessa obra focando em duas personagens: Narizinho e Emília. A escolha dessas personagens se deve a razões especiais: são diametralmente opostas em seus comportamentos e ações, no entanto, complementam-se como encaixes perfeitos para expressarem tanto o pensamento do autor, como para nos levar a uma viagem lúdica.

Aqui é importante ressaltar que o autor, de forma singela, apresenta às crianças uma amálgama entre realidade e fantasia narrando histórias no universo imaginário desses pequenos leitores, conduzindo-os a um mundo de encantamento e magia, totalmente necessário ao desenvolvimento infantil. A criança fica maravilhada com suas criações pois, de forma muito semelhante, essas fantasias fazem parte do cotidiano delas em suas brincadeiras imaginárias ou não.

Partindo da concepção interacionista, a criança ao vivenciar experiências de contato com outras crianças inicia um processo de apropriação do conhecimento que é impossível pela repetição, principalmente no ato de imaginar. Pretende-se aqui não apenas enumerar a importância da ludicidade e do imaginário no processo de apropriação das inteligências múltiplas. Assim, entende-se que a cultura infantil é construída através da interação da criança com o meio, onde o imaginário e a brincadeira têm um papel fundamental. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), referindo-se ao brincar assim encontramos:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de as crianças, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. (BRASIL, 1998, v. 2, p. 22).

Nesse entendimento, as brincadeiras infantis concretas ou imaginárias assumem um papel importante na construção da autonomia infantil, pois é através desse imaginário que a criança é capaz de reconhecer-se parte do mundo no qual

vive. E, quando esta se reconhece em algum personagem, imitando-o ou desenvolvendo algumas características de tal, temos uma influência no imaginário infantil.

Inicialmente, para facilitar esse aprofundamento na obra de Lobato, buscamos fazer um apanhado de suas obras e suas principais características estéticas, associando o espaço-tempo em que este estava inserido: momento político, influências literárias e organização social do espaço social para os escritores nesse período de escrita dessas obras. Destaque também para o momento literário e artístico que as artes brasileiras estavam passando e como esse momento desenhava-se na escrita de Monteiro Lobato e de outros artistas que revolucionaram a arte em geral no período.

Como destacado anteriormente, queremos demonstrar que a arte não está imune às influências, pelo contrário, ou a arte é resultado, ou é expressão das influências do momento histórico em que está inserida. E isso só o aprofundamento do estudo histórico e a associação de observação ao resultado literário produzido irá demonstrar para o leitor, que a literatura, é bem mais que uma simples distração, ela é uma expressão temporal da humanidade, de seus anseios e, a literatura infantil, também o é:

O procedimento, emanado do Estado, aproveitava as conquistas do modernismo, que levava os artistas brasileiros a procurar elementos em nossa cultura não (ou menos) contaminados pela influência europeia, para torcê-los a seu favor. Assim, o governo tornou-se um importante fomentador da cultura, desde que ela se mantivesse sob controle e, ainda por cima, tomasse o partido de suas concepções (ZILBERMAN, 2014, p. 93)

E é nessa perspectiva que avançamos em relação à análise da escrita de Monteiro, para, finalmente, discorrermos mais profundamente acerca das duas personagens dentro da obra e suas movimentações entre expressividade da imaginação tanto para o autor, como para o desenvolvimento de ideias idealizado por quem lê.

3.1 A Escrita de Monteiro Lobato

Para que possamos compreender um pouco de seu conhecimento específico presente em suas obras – principalmente as discussões de cunho social – é importante que conheçamos sua origem, isto posto, podemos dizer que José Bento Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, cidade do interior de São Paulo, em 1882, em 18 de abril, e faleceu na cidade de São Paulo em 1948. Formou-se em Direito, pela Faculdade de São Paulo, em 1904, voltou para o interior, casou-se e foi nomeado Promotor Público da cidade de Areias, em 1907, e desde esse período já escrevia para vários jornais do Rio de Janeiro, Santos e São Paulo.

Em 1911, ele recebe como herança de seu avô – o Visconde de Tremembé – uma fazenda em Taubaté, para onde volta com sua família, ficando aí até 1917. Porém a fazenda sem gerar lucros, Lobato iniciou a escrita de artigos para o Jornal O Estado de São Paulo e em 1918, já imerso nas escritas, compra a Revista do Brasil e escreve os contos de Urupês, sua primeira obra. Esses artigos para o jornal já tinham um teor ácido, que censuravam o descaso com a saúde pública no Brasil.

Logo após Lobato receber a herança de seu avô, já no convívio rural percebe as queimadas como forma de “preparar o solo para o plantio” – naquela época era comum queimar o solo para plantar; no entanto, o então fazendeiro percebeu que essa prática não era favorável ao solo e, por isso a colheita não era abundante. Nesse cenário, surge um dos personagens que seria uma das denúncias sociais do escritor: Jeca Tatu, que tempos depois foi retomado por vários outros escritores, para evidenciar a ingenuidade do Jeca e sua influência nas tribunas eleitorais. Após virar história, é notório que o Jeca Tatu era uma história polêmica, que ressaltava um dos problemas do país: as endemias que castigavam os pobres.

Com a publicação de um dos seus artigos no jornal O Estado de São Paulo, criticando o então início do movimento modernista, Lobato dividiu a arte de acordo com interpretações pessoais e citava duas espécies de artistas - "os que veem normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura" e os que "veem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes". Embora, o autor seja considerado um precursor na modernização literária, no sentido de entregar ao público uma literatura genuinamente brasileira e voltada para o infante-juvenil, ele criticou o movimento modernista.

Para Bosi (2007):

Se por Modernismo entende-se exclusivamente uma ruptura com os códigos literários do primeiro vintênio, então não houve, a rigor, nenhum escritor pré-modernista. Se por Modernismo entende-se algo mais que um conjunto de experiências de linguagem; se a literatura que se escreveu sob o seu signo representou também uma crítica global às estruturas mentais das velhas gerações e um esforço de penetrar mais fundo na realidade brasileira, então houve, no primeiro vintênio, exemplos probantes de inconformismo cultural(...)"

Esteticamente, Lobato não acompanhou os traços modernistas em suas obras, porém mesmo sem envolvimento significativo com postulados e ideias dessa época, é justo afirmar e reconhecer que sua obra antecedeu o Modernismo e foi primordial para a consolidação de uma escrita voltada para o público juvenil diferente dos modelos europeus; assim, nascia a literatura infanto juvenil brasileira. Então, nesse sentido não havia razão para Lobato criticar tal movimento, pois ele estava realizando os mesmos feitos de ruptura com a literatura juvenil estrangeira e trazendo as histórias de dona Benta e da menina do Narizinho arrebitado para as crianças brasileiras.

O estilo do autor ao escrever nessa época era marcado por ser panfletário e virulento, tal qual as doenças que se apresentavam no cenário nacional; assim, "Monteiro Lobato toma a liderança jornalística, torna-se tema de conversa obrigatória, o que leva os poderes públicos ao abandono da criminosa impassibilidade e desleixo em que viviam" (CAVALHEIRO, 1955, p. 230)

De acordo com Moreira (1962, p. 11):

Monteiro Lobato sempre desejou ser pintor; os seus melhores críticos e ele mesmo assinalaram o imenso débito de sua obra de escritor para com esse gosto pela pintura. Vem daí, certamente a preocupação em escolher o tom exato, a imagem mais nítida, mais vigorosa, mais expressiva. Esforçava-se Lobato por colocar a cena evocada ao alcance da visualização concreta do leitor - por "pintar com palavras", como ele próprio declarou.

Após a Revolução de 1924 e suas primeiras falências como dono de editora e Revista, o escritor que já havia criado em 1921 o que seria o seu legado: a história da Menina do Narizinho Arrebitado, que rapidamente se torna preferência entre as

histórias infantis e o estado de São Paulo adquire os livros para distribuição gratuita nas escolas.

A partir de então, com o lançamento de seu primeiro livro, *A Menina do Narizinho Arrebitado* e suas repercussões positivas entre o público infantil, Monteiro Lobato busca uma identidade e aproximação com seus leitores mirins, narrando histórias que se passavam no mesmo espaço e entre os mesmos personagens, conforme Lajolo; ZILBERMAN (1991)

É o sítio do Picapau Amarelo propriedade de Dona Benta, que vive originalmente acompanhada de sua neta, a menina Lúcia, conhecida por Narizinho, e de uma cozinheira antiga e fiel, tia Nastácia. Trata-se de uma população pequena para preencher um cenário tão grande, mas personagens multiplicam-se rapidamente, com a inclusão de outros seres humanos (Pedrinho), seres mágicos (os bonecos animados Emília e Visconde), animais falantes (o porco Rabicó, o burro Conselheiro e o rinoceronte Quindim), sem falar dos eventuais seres aquáticos, habitantes do Reino das Águas Claras, localizado nas cercanias do sítio, ou dos visitantes mais ou menos habituais, como Peninha, o Gato Félix ou o Pequeno Polegar (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 55).

Sua escrita começa a tomar uma identidade fantástica, pois ao conquistar as crianças fazendo uma atmosfera familiar (os mesmos personagens, no mesmo ambiente) torna-se divertida, prazerosa e não linear, visto que as aventuras eram as mais diversas. Porém, a escrita crítica ao que ocorria no país era a porta pela qual os personagens infantis tratavam de assuntos sérios por meio da literatura: o país estava abandonado em relação à saúde pública e como este poderia sobreviver financeiramente com recursos minerais, em particular o petróleo. Por meio da sua literatura, Lobato convida a população em prosseguir com o futuro e sair do atraso econômico que o país estava passando (ROCHA, 1981).

Em outras obras também infanto juvenis, Lobato menciona como o Petróleo pode trazer progresso, caso as autoridades invistam nesse ouro negro. Sendo sua literatura a forma como ele utiliza para denunciar os problemas sociais, econômicos e políticos pelo quais o país passava naquela época. Sua contribuição literária para uma conscientização e melhor entendimento de uma sociedade reflexiva foi indiscutível.

Uma característica marcante de sua literatura é assumir compromissos com várias inquietações de seu tempo, o que torna sua maneira de escrever moderna. E,

Lobato também se insere didaticamente nas preocupações escolares da sala de aula ao escrever sobre as matérias do currículo escolar como: Aritmética da Emília (1935), Geografia de Dona Benta e História das invenções, entre outros (LAJOLO, 1994, p.97).

Os cortes e ajustes que o autor faz em Dom Quixote das Crianças, por exemplo, mostra como ele se preocupava em ser compreendido pelo seu jovem público. Ao incentivar a leitura por meio de sua personagem Dona Benta, Lobato torna-se um escritor que amplia o universo cultural, o que torna o ato de ler prazeroso e faz com que o leitor se reconheça e se envolva nas histórias. Assim, desenvolvia uma relação de afetividade com o espaço, da forma como Lopes (2012) propõe:

[...] a criança se familiariza com a história sendo capaz de lidar com os seus problemas internos, pois a história proporciona o estímulo à imaginação infantil e, por meio da fantasia, a criança encontra imagens que estruturam suas lembranças, clareia seus sentimentos e a direciona para o crescimento psicológico sadio (LOPES, p.15)

Desse modo, a literatura reproduziu mensagens de prazer de comunicação e de ouvir histórias, de reconhecimento; trazendo para o leitor a aproximação do contexto em que as histórias foram criadas, ou seja, uma obra familiar e de fácil identificação do leitor (LOPES, 2012).

De acordo com Rocha (1981, p.102):

Lobato luta por um Brasil que modernize em moldes capitalistas, tendo, ao menos durante boa parte de seus livros, a sociedade norte-americana como modelo de sua utopia social. Mesmo suas lutas pelo petróleo e demais minérios, sua impaciência em fazer do atraso brasileiro parte de um modelo burguês capitalista para o qual a eficiência e a racionalização são mandamentos supremos.

Segundo esse entendimento, a luta por uma literatura que seja nacional, com termos e variações regionalistas, na qual Lobato recusa a linguagem formal e engessada da academia por exemplo, e preza pela linguagem leve e representativa dos seus personagens, que ganhavam vida no imaginário através do pó de pirlimpimpim, ganham cada vez mais destaque.

3.2 Narizinho e Emília como representações do Jovem Leitor

Antes de analisarmos os meandros entre o jovem leitor e a convivência com os personagens que ele entra em contato é válido observar que “as figuras nos contos de fadas não são ambivalentes - não são boas e más ao mesmo tempo, como somos todos na realidade. Mas dado que a polarização domina a mente da criança, também domina os contos de fadas. Uma pessoa é ou boa ou má, sem meio termo” (BETTELHEIM, 2002, p. 9). Dessa forma, o jovem leitor tende a se identificar com o personagem que ele julga ser o bondoso, o herói, o mocinho, pois ele se coloca como personagem central de sua vida, tal qual o personagem da ficção.

Entretanto, no mundo literário há ainda habitantes que não se encaixam nessa polarização entre bem e mal, como nos contos infantis, são as histórias caracterizadas pela trapaça e pela certeza que todos podem ter sucesso na vida, seja o herói ou o trapaceiro, como o menino que rouba o tesouro do gigante. Assim, o imaginário infantil vai sendo construído através de personagens bons, maus, de caráter duvidoso, etc e essas imagens vão se consolidando na mente infantil.

O ato de pensar e a criação de imagens mentais são construções adquiridas a partir da experiência visual. Assim, a construção do imaginário remete sempre à lembranças, sonhos, devaneios, entre outras. Uma contribuição importante na vida da criança advém da imagem – seja a imagem que se reflete no espelho, buscando a identidade, seja a imagem abstrata que habita seus pequenos pensamentos e medos antes de dormir. Na literatura infantojuvenil, essas construções estão presentes nos contos de fadas, nas crônicas e em narrativas contadas pela história oral.

Para Wunenburger (2007, p. 55) “o imaginário lúdico assume assim um papel transicional, assegura uma espécie de válvula de segurança. [...] Pois, da criança ao adulto, brincar atende a mesma necessidade de alívio, de busca de prazer.”

Até fins do século XIX, a literatura voltada para jovens e crianças era estrangeira e disponível apenas para a elite brasileira; foi em meio a essa mesma época de valorização da literatura importada que o saber literário nacional surgiu com suas primeiras manifestações de reforma literária no Brasil, com destaque para Monteiro Lobato, principalmente após a publicação de *A Menina do narizinho*

arrebicado, o que inaugurou a produção destinada às crianças e jovens no Brasil (SANDRONI, 1998).

Assim, esses personagens fixos nas histórias do sítio começam a ganhar a simpatia do jovem leitor, tanto pelas características imaginárias de se ter uma boneca falante, como a Emília, como pelo fato de serem narrativas repletas de aventuras em um ambiente familiar, o sítio de Dona Benta, “[...] significando cada vez mais o mundo como Lobato gostaria que fosse” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 57).

Mas, será que existe uma idade específica para que as narrativas sejam contadas e despertem interesse no público mais jovem? Sobre isso, Bettelheim (2002, p. 18) afirma que

Como não podemos saber em que idade um conto específico será mais importante para uma criança específica, não podemos decidir qual dos vários contos ela deveria escutar num dado período ou por quê. Isto só a criança pode determinar e revelar pela força com que reage emocionalmente àquilo que um conto evoca na sua mente consciente e inconsciente.

Traçando uma linha entre a literatura produzida por Lobato e o jovem leitor, pode-se afirmar que existem personagens que se aproximaram do gosto infantil mais rapidamente, como a Narizinho e sua boneca falante Emília.

Em 1931, com a publicação de *Reinações de Narizinho*, Lobato mostrou que o seu público era inteligente, esperto e que unia fantasia e realidade; o autor deu vez a criança e ao jovem para que tivessem um espaço para falar sobre suas fantasias, seus medos, suas ideias de maneira direta, clara e objetiva. A boneca que não teme o que diz, sempre tagarela verdades, como as crianças; a dona da boneca, Narizinho, é ponderada, reflexiva, sempre está atenta às coisas que acontecem ao seu redor e tem um senso de justiça peculiar, tal qual os pré-adolescentes quando estão se descobrindo e dando significações aos seus mundos.

A Literatura Infantil busca chamar atenção por sua linguagem, colocando em xeque alguns padrões engessados, como os que haviam até a década de 1920. Zilberman (1987), assim como outros estudiosos da literatura infantil afirma que o texto literário, como o encontrado em *Reinações de Narizinho*, contribui com a formação crítica e social da criança e também do adulto, sem deixar de lado a fantasia, a diversão e o prazer da leitura.

Reinações de Narizinho é o primeiro livro da Série *O Sítio do Pica-Pau-Amarelo* e traz a história de uma menina sonhadora e muito criativa e de sua boneca de pano falante, vivendo aventuras no sítio de sua avó, Dona Benta. A aventura inicial é quando Lúcia – a Narizinho – faz uma visita ao Reino das Águas Claras, depois de dar comida aos peixinhos na lagoa do sítio; ela sonha...e nesse devaneio é quando o doutor Caramujo dá as pílulas falantes para a boneca Emília, que apesar de já participar de várias estripulias, ainda não falava. Porém, é então que Lobato mistura a fantasia e a realidade, ao não deixar claro se Narizinho sonhou ou se toda a aventura de fato aconteceu:

E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz. [...] Não saiu fera nenhuma, mas como a bengala fizesse cócegas no nariz de Lúcia, o que saiu foi um formidável espirro — Atchim! [...] O peixinho, porém, que era muito valente, permaneceu firme, cada vez mais intrigado com a tal montanha que espirrava. Por fim a menina teve dó dele e resolveu esclarecer todo o mistério. Sentou-se de súbito e disse: — Não sou montanha nenhuma, peixinho. Sou Lúcia, a menina que todos os dias vem dar comida a vocês. [...] Conversaram longo tempo e, por fim, o príncipe convidou-a para uma visita ao seu reino. (LOBATO, 2011, p.13-15)

Durante esse sonho (ou realidade) a personagem Narizinho apresenta ao leitor uma liberdade imaginária incrível, na qual lança a ideia de que tudo não se tratou de um sonho da menina ou a ideia de que tudo ocorria na real e não menos fantasiosa imaginação de Lúcia, que acompanhada de sua boneca agora falante, vivia aventuras no quintal do sítio de sua avó. É nessa aventura que a boneca de Narizinho engole as pílulas que a permitem falar, do doutor Caramujo; e no mesmo instante, Emília começa a tagarelar tanto que Narizinho sugere que ela vomite a pílula e tome outra mais fraca de tanto que fala.

Essa tagarelice de Emília pode ser associada à criança e ao jovem dos dias atuais, que, por vezes, quer tagarelar suas descobertas, seus medos e sonhos, mas como não encontra um adulto em casa, receptivo e atencioso a suas descobertas, muitas vezes, as crianças se calam e desenvolvem outros tipos de problemas, justamente por falta de tagarelar, que é típica do universo infantil.

A linguagem de Lobato é afetiva e torna as aventuras vividas por Narizinho e seus amigos familiar, acolhedora e aconchegante, como um abraço materno para

uma criança. Os neologismos e a magia do inusitado ocorrem simultaneamente em cada capítulo novo e nova descoberta de Narizinho e seus amigos, seres ficcionais, imaginários e reais na imaginação infantil. A esperteza e a imaginação infantis se juntam com a curiosidade no momento de um diálogo entre Narizinho e Emília:

— Já reparou, Emília, como as formigas conversam? Que pena a gente não entender o que dizem...

— A gente é modo de dizer — replicou Emília — porque eu entendo muito bem o que dizem.

— Sério, Emília?

— Sério, sim, Narizinho. Entendo muito bem e, se você ficar aqui comigo, contarei todas as historinhas que elas conversam. Repare. Vem vindo aquela de lá e esta de cá. Assim que se encontrarem, vão parar e conversar. Dito e feito. As formiguinhas encontraram-se, pararam e começaram a trocar sinais de entendimento. [...]

— Que é que disse esta? — perguntou Narizinho.

— Disse que haviam descoberto uma bela minhoca perto da porteira, mas que precisavam de auxílio para conduzi-la. (LOBATO, 2011, p.45)

As estratégias do autor para atrair a atenção das crianças sempre foi uma característica marcante e divertida; nesse fragmento é possível verificar o apelo à curiosidade infantil “será que as formigas falam de fato?”, “que segredos elas teriam entre si?”; e assim, o autor vai construindo com o seu leitor pontes que o levarão ao seu próprio mundo imaginário, onde ele mesmo pode ser personagem principal de seus sonhos e aventuras, tal qual Narizinho e Emília, ocorrendo assim uma representatividade salutar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou verificar se as personagens Narizinho e Emília podem ser importantes para a construção do imaginário infantil e para a autoidentificação entre leitor-personagem. Demonstrou-se ao longo desse estudo que a chegada de uma literatura infantil e juvenil brasileiras foram um divisor de águas para seu sucesso e contribuíram para o imaginário de seus pequenos leitores. Monteiro Lobato com seu livro *Reinações de Narizinho* se fixou como escritor povoando o imaginário infantil e trazendo benefícios às crianças e aos jovens com suas histórias; Lobato mostrou que é possível tratar nas suas histórias sobre medos, rivalidade, ansiedades e conflitos típicos da pré-adolescência, buscando um elo invisível com seu leitor. Ao ler os conflitos vividos pela personagem Narizinho e sua boneca falante, a criança pode amenizar seus próprios conflitos, dando oportunidades de ressignificar suas condições reais e vivências, para tentar enfrentar seus próprios problemas.

A escolha de *Reinações de Narizinho* para este estudo deve-se ao fato dele ser considerado um marco na Literatura Infantil, assim como, por tratar-se de um exemplar em que o seu autor resgata através da intertextualidade personagens da ficção e patrimônio cultural da humanidade. Observamos que o autor utiliza-se de linguagem lúdica e bastante fantasiosa para garantir a atenção de seu jovem público leitor, que está formando seu imaginário particular. A linguagem simples, que aproxima fantasia e realidade do cotidiano vivido pelas crianças é o que faz o leitor navegar pelas aventuras do Sítio de Dona Benta com Narizinho e Emília; é a representatividade do cotidiano, dos problemas e das vivências dos personagens que contribuem não só para o desenvolvimento do imaginário infantil mas, sobretudo com a autoidentificação no personagem, gerando assim, a possibilidade de se resolver conflitos na vida real.

Ao traçar metas e estratégias para estimular a leitura em sala de aula, certamente, todo professor passa pelas leituras inebriantes do mundo de Monteiro Lobato e pretende apresentá-la como forma não obrigatória, mas como uma alternativa para se conhecer vários mundos. Ao propor que o estudante ao menos uma vez por semana possa ter acesso ao mundo literário dos contos, crônicas e histórias de era uma vez, o professor está tecendo fios para que o gosto pela

literatura aconteça. De maneira natural, leve e prazerosa; cabe-lhe a tarefa de reconduzir os hábitos do jovem leitor aos livros, talvez até desviar o olhar do jovem dos eletrônicos tão atrativos e reconduzi-los à fantasia.

Uma das contribuições que se pretendeu com este estudo é tornar a literatura tanto na infância quanto na juventude um lazer, um refúgio fantasioso no qual os pequenos leitores possam se reencontrar consigo mesmos e ressignificar o mundo no qual vivem. Ao final desse estudo, fica evidente sobre a contribuição dada por Monteiro Lobato e seus personagens ao imaginário infantil e sua inegável importância para que aqueles que o leem se identifiquem e tenham atitudes positivas, espelhando, muitas vezes, os personagens que foram lidos.

Nas séries iniciais, o contato com a literatura se dá de maneira mais lúdica e mágica, através de teatrinhos de fantoches, por exemplo; no Ensino Fundamental é preciso que essa magia também tenha espaço para que esse tipo de leitura possa fazer parte do cotidiano do aluno, não restringindo a leitura somente como forma de ajudar nos conteúdos, pois ela também pode contribuir para o conhecimento, o amadurecimento intelectual e o lazer e a diversão (Lajolo, 1994).

Segundo Lajolo (1994, p. 108) a leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro [...]. Nessa perspectiva cremos que levar a literatura como importante ferramenta para a sala de aula de modo despretensioso é um caminho capaz de produzir bons frutos a longo prazo. Evidenciou-se tanto a importância quanto a contribuição de Lobato para o público infantil e juvenil nesse trabalho, através de várias vozes de estudiosos e pesquisadores; cabe aos professores, com leveza e a esperteza de Emília, apresentar aos seus alunos novas formas de se envolver com a escrita, com a leitura.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro, 2002

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: formação pessoal e social**. Brasília: MEC/SEF, v. 02. 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – Brasília** MEC/SEF, 1997.

BOSI, Alfredo. Pré Modernismo e Modernismo. In: **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2007, 4 ed., p. 339-387.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra**. São Paulo: Nacional, 1955.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

LAJOLO, Marisa. Leitura e literatura: direito, dever ou prazer? In: LIMA, Aldo de. (org.) **O direito a literatura**. Recife: Universitária da UFPE, 2012.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A literatura rarefeita: leitura e livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. Ilustrações Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2011.

LOPES, Suellen. **A importância da literatura de Monteiro Lobato no Ensino Fundamental**. 2012. 57 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

MAGALHÃES, Ligia Cademartori; ZILBERMAM, Regina. A literatura infantil e o leitor. In: _____. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987, p. 61- 134.

MOREIRA, José Carlos Barbosa. **Monteiro Lobato: Textos escolhidos**. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

ROCHA, Ruth. Monteiro Lobato. **Literatura comentada**. São Paulo: Abril educação, 1981.

SANDRONI, Laura. De Lobato à década de 1970. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras**. Campinas: Mercado de Letras / Associação de Leitura do Brasil, 1998.

STELLA, Jorge Bertolaso. **A Origem da Fábula** ou do apólogo perde-se na noite dos tempos. 1970; History; Revista de História.

ZILBERMAM, Regina. **A literatura infantil na Escola**. São Paulo: Global Editora, 1981.

_____. Precisamos falar sobre o ensino. In: XIV Encontro da ABRALIC. Belém: Universidade Federal do Pará, 2014.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **“O imaginário”**. edições Loyola: São Paulo. 2007.